



GT 48. Família, gênero e sexualidades: cultura, conflito e transformação política

Coordenador(es):

Marcelo Tavares Nactivity (UFC - Universidade Federal do Ceará)

Leandro de Oliveira (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Este GT tematiza relações familiares entre pessoas LGBT, contemplando conexões com a “família de origem” e a formação de novas famílias, incluindo marcadores como geração, classe, soropositividade, gênero, origem, raça e religião. Contemplando temas como o casamento igualitário, conjugalidades e parentalidades, o GT coloca em foco nexos entre convenções culturais, ações de movimentos sociais, micropolíticas do cotidiano, discursos emocionais, interações e relações de poder em contextos plurais, de modo a discutir reconfigurações do público e do privado. Serão acolhidos estudos que abordem discursos sobre casamento igualitário; formas de regulação do gênero e da sexualidade de pessoas LGBT na esfera familiar; tensões e negociações nos grupos domésticos; formas de ajuda mútua, cuidado e manutenção de laços no cotidiano da casa ou em redes de casas; construções da “aceitação” na sociedade e na família; relações entre famílias de origem e parceiros/ companheiros de pessoas LGBT; família e gerações; família, religião e sexualidades; transformações nos significados culturais associados à noção de “família”; os usos da noção de “família” como arma política na esfera pública e na arena política; família e controvérsias sobre “ideologia de gênero”; enlances entre direitos sexuais, questões LGBT, e laicidade do Estado. O GT abarcará ainda os temas da homofobia e transfobia, incluindo situações que articulam preconceito sexual, estigma e afetos no âmbito das relações familiares.

Entre educação, Estado, religião e menstruação: um estudo etnográfico sobre o impacto das instituições na experiência de meninas em idade escolar na periferia do Rajastão.

Autoria: Maria Eduarda de Oliveira Tamate (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Mariana Simões Maia, graduanda de Ciências Sociais (UERJ)

Neste work, propomos uma análise do impacto da relação entre menstruação e educação na experiência de meninas indianas de 8 a 13 anos. A pesquisa é fruto de uma observação participante, de dois meses de duração, em uma ONG localizada na área periférica de Jaipur, Rajastão, Índia. Através do campo, a discussão se desdobra nas relações entre a atuação da ONG, direcionada ao suporte econômico e educacional das meninas, o sistema educacional público indiano e o impacto do menstruar no contexto social e religioso da Índia. É necessário ressaltar o tabu da menstruação na cultura indiana como fator de forte influência na vida social das meninas em idade escolar, principalmente em uma área periférica da cidade de Jaipur. A falta de informação sobre as funções reprodutivas femininas e o viés da religião sobre o sangue menstrual, classificado como sujo e impuro, contribuem com um discurso negativo sobre o menstruar, bem como o acesso limitado a absorventes higiênicos pela situação econômica em que os sujeitos se encontram. Assim, a ONG se apropria de um papel essencial na formação dessas garotas: é responsável não só pela educação complementar, como também pelo acesso informativo às questões menstruais e produção de absorventes de pano reutilizáveis, funcionando como uma fonte de renda para as meninas que ali trabalham. A falta de acesso a produtos de higiene e o tabu que envolvem a menstruação são apontados como a principal ferramenta de constrangimento social que impede o desenvolvimento escolar dessas meninas, uma vez que as alunas costumam faltar às aulas nas épocas da menstruação. O Estado indiano também traça seu papel essencial na vivência delas, já que o sistema escolar público indiano determina que o aluno que não possuir rendimento satisfatório ao fim do ano letivo deve ser retirado da rede de ensino público e realocado no



ensino privado. Entretanto, o que se vê na prática são meninas das camadas econômicas baixas abandonando os estudos, ao menstruar, por não possuírem os recursos financeiros necessários para uma educação privada. A Índia, em seu contexto religioso e histórico, ainda enfrenta como questão, não só o tabu da menstruação, como os efeitos reais de seu desdobramento cultural: a falta de acesso a absorventes higiênicos à população mais pobre e o impacto de uma ordem social na educação dessas meninas. O recorte da pesquisa pretende destacar como cada um dos fatores articulados afeta a experiência enquanto mulher, aluna e pessoa subordinada a uma hierarquia que envolve o Estado, a religião e uma Organização Não Governamental.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: